

Reprodução



O primeiro encontro de índios e brancos foi retratado em pinturas sobre o dia do descobrimento, como a de Oscar Pereira da Silva

# Protesto no lugar de festa

■ Índios evitam comemoração oficial dos 500 anos do Brasil e organizam agenda paralela

LUCIANA NUNES LEAL

Não é nada festiva a agenda que índios de várias partes do país estão organizando como alternativa à comemoração oficial pelos 500 anos de descobrimento do Brasil. Com o lema *500 anos, nada a comemorar*, planejam aproveitar o mesmo dia e local da grande festa que será o ponto alto das atividades oficiais, com inauguração do Memorial do Descobrimento, para promover a Conferência Indígena, um amplo seminário sobre os problemas e desafios desses povos. Em 22 de abril de 2000, no Sul da Bahia, haverá manifestação para agradar do mais fiel assessor da Presidência ao mais combativo militante da causa indígena.

De um lado, o presidente Fernando Henrique Cardoso será anfitrião de muitos chefes de Estado que admirarão o moderno Monumento do Encontro, que ficará cravado no fundo do mar, na localidade de Coroa Vermelha. De outro, famílias inteiras de índios, indigenistas, ecologistas e representantes de outras minorias discutirão propostas para o futuro. "Não somos uma dissidência nem estamos rachando com o governo. Só não nos sentimos representados nem consultados pelos organizadores das comemorações oficiais e estamos organizando nossas manifestações. Cada estado está organizando seus seminários e o resultado de cada um será levado à conferência, em Monte Pascoal", diz Sebastião Alves Rodrigues, de 29 anos, ou Sabá Manichinery, que leva o nome de sua tribo - ou seu povo, como os índios preferem -, que vive no

alto do Rio Iacu, no Acre.

Aos argumentos de Manichinery fez coro o índio Macuxi Jerônimo Pereira da Silva, de Roraima. Aos 49 anos, Jerônimo coordena o Conselho Indigenista de Roraima e resume o sentimento dos índios da região: "Os Macuxi, os Ianomami, os Ingariçó, os Wapitchana ficam muito zangados com essas festas de comemoração. Querem saber por que vai ter festa e fico sem ter o que responder. Festa para a mortalidade dos índios nesse país inteiro?"

Embora não haja dados precisos, os grupos de defesa indígena trabalham com informações de que, em 1500, havia 5 milhões de índios no território que veio a se chamar Brasil. Hoje, os números das ONGs e da Funai, a instituição governamental responsável pela elaboração de políticas indígenas, combinam: são cerca de 350 mil índios no país.

Por serem os donos da terra onde ficará o Memorial do Descobrimento, os índios Pataxós estão no centro das atenções dos preparativos oficiais. São os únicos que têm conversado pessoalmente com os representantes do governo e tentam obter a promessa de construção - além do museu e das ocas, onde poderão expor seus artesanatos e montar espetáculos e produções culturais - de uma escola, um posto de saúde e uma farmácia de remédios naturais. "Essa vida que estamos vivendo é sacrificada, não temos coisas boas para comer, não temos saúde. Mas não somos contra a festa. Só queremos melhorias para nós", diz o cacique Carajá, ou Afilton Alves dos Santos, 36 anos, casado com Roxa, pai de oito filhos e na expectati-

va do nascimento, no fim do mês, do primeiro neto. Carajá anuncia uma festa só de índios, também na semana da grande festa oficial. "Vamos fazer nossas danças, nossas comidas. Virá gente de todo o país", diz.

Enquanto o governo federal tem, há quase dois anos, a Comissão Nacional para as Comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil, os índios se organizaram na Comissão Indígena para os 500 Anos. Cada região está encarregada de promover um seminário e, ao final das discussões individuais, será organizado um encontro preparatório da grande conferência de Monte Pascoal. A legalização de todas as terras indígenas, a apuração consistente para os crimes cometidos contra os índios, o reconhecimento dos índios como povos, a preservação da cultura, a igualdade de condições sociais são algumas das metas que os grupos indígenas perseguem.

Além das manifestações externas, os índios também aproveitarão a data para uma série de discussões em seus próprios territórios, numa tentativa de resgate da auto-estima e de renovação da disposição de lutar pela preservação e expansão dos povos. Os índios estão convencidos de que foi por seus próprios esforços que alcançaram alguns progressos, como a demarcação de várias áreas novas - inclusive a dos Pataxós - e o aumento da população nos últimos dez anos. Entre os índios, a taxa de natalidade foi, entre meados dos anos 80 e dos anos 90, dez pontos percentuais maior do que a média nacional.

Reprodução



O Memorial do Descobrimento será construído na reserva indígena e terá um museu, área de lazer, ocas e um monumento (ao fundo)

## Moradores vão receber indenização

A construção do Memorial do Descobrimento, em Coroa Vermelha, no Sul da Bahia, é o mais trabalhoso de todos os programas da comemoração oficial dos 500 anos do Brasil. Há dois anos começaram os trabalhos de levantamento da área, conversa com os índios Pataxós, elaboração do projeto do arquiteto Wilson Reis Netto. Foi preciso, por exemplo, reservar R\$ 1,3 milhão para a indenização de mais de 100 famílias de índios e brancos que serão removidos para a instalação do museu, da área aberta e das ocas.

O presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil, embaixador Lauro Moreira, discorda do ponto de vista de que os índios não têm motivos para comemoração no ano 2000. "Eles podem não comemorar o descobrimento, mas sim o nascimento de um país. Não estamos propondo só celebração, ou uma festa

ufanista, mas a reflexão dos 500 anos, com seus pontos positivos e negativos. Comemorar é recordar em conjunto", diz o diplomata.

Para Lauro Moreira, "o fato de os índios te-

### ÍNDIOS EM NÚMEROS

- População - 350 mil índios
- Tribos (povos) - 215
- Idiomas - 173
- Áreas indígenas - 95.500 hectares (11% do território nacional)
- Povo mais numeroso - Guarani, com 41 mil pessoas (espalhados pelo Sul, Sudeste e Centro-Oeste)
- Povo menos numeroso - Kinikinao, quase em extinção, com menos de dez sobreviventes (vivem com os Terena em Mato Grosso do Sul)

rem chegado aqui há 12 mil anos, ou há 40 mil, segundo outros estudos, não os torna mais idosos. Sou tão brasileiro quanto eles", continua o presidente da comissão. A morte de milhares de índios ou a escravidão dos negros são pontos negativos que Lauro Moreira quer ver em debate. No entanto, ressalta: "Não se pode dizer que há uma política de malefício para os índios, hoje."

Jadir Neves da Silva, secretário-geral da coordenação das Organizações Indígenas faz questão de dizer que os 500 anos serão motivo de manifestações para chamar a atenção para a causa indígena, mas sem baixo astral. "Vamos mostrar nosso sofrimento, mas também nossos avanços, nossas conquistas. Não vamos falar só de tristezas", promete Jadir, índio Macuxi de 46 anos da reserva de São Marcos, em Roraima, onde 80 famílias vivem da criação de gado, caça, pesca e plantações. (L.N.L.)